

DVD
Material
Educativo
para
Professor
Propositor

ISTO É ARTE?



DVDteca

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(William Okubo, CRB-8/6331, SP, Brasil)

INSTITUTO ARTE NA ESCOLA

Isto é arte? / Instituto Arte na Escola ; autoria de Elaine Schmidlin ; coordenação de Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque. – São Paulo : Instituto Arte na Escola, 2006.

(DVDteca Arte na Escola – Material educativo para professor-propositor ; 128)

Foco: SE-A-2/2006 Saberes Estéticos e Culturais

Contém: 1 DVD ; Glossário ; Bibliografia

ISBN 85-7762-007-7

1. Artes - Estudo e ensino 2. Arte contemporânea 3. Artista e sociedade
4. Arte e vida I. Schmidlin, Elaine II. Martins, Mirian Celeste III Picosque, Gisa IV. Título V. Série

CDD-700.7

 **Créditos**

MATERIAIS EDUCATIVOS DVDTECA ARTE NA ESCOLA

Organização: Instituto Arte na Escola

Coordenação: Mirian Celeste Martins
Gisa Picosque

Projeto gráfico e direção de arte: Oliva Teles Comunicação

MAPA RIZOMÁTICO

Copyright: Instituto Arte na Escola

Concepção: Mirian Celeste Martins
Gisa Picosque

Concepção gráfica: Bia Fioretti

ISTO É ARTE?

Copyright: Instituto Arte na Escola

Autor deste material: Elaine Schmidlin

Revisão de textos: Soletra Assessoria em Língua Portuguesa

Diagramação e arte final: Jorge Monge

Autorização de imagens: Ludmilla Picosque Baltazar

Fotolito, impressão e acabamento: Indusplan Express

Tiragem: 200 exemplares

DVD

ISTO É ARTE?

Ficha técnica

Gênero: Documentário com trechos de uma palestra do professor de filosofia Celso Favaretto, complementada por imagens de obras.

Palavras-chave: Ser simbólico; arte contemporânea; elementos da visualidade através dos tempos; artista e sociedade; objeto; educação do olhar; arte e vida.

Foco: **Saberes Estéticos e Culturais.**

Tema: Questões sobre o conceito de arte e suas ressonâncias na arte moderna e contemporânea.

Artistas abordados: Nelson Leirner, Wesley Duke Lee, Pedro Escosteguy, Rubens Gerchman, Mira Schendel, Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, Victor Meirelles, Almeida Júnior, Maria Leontina, Maurício Nogueira Lima, Carlos Scliar, Amilcar de Castro, Lygia Pape, entre outros.

Indicação: A partir da 1ª série do Ensino Fundamental.

Direção: Geraldo Santos.

Realização/Produção: Instituto Itaú Cultural, São Paulo.

Ano de produção: 1999.

Duração: 12'.

Coleção/Série: *Arte educação.*

Sinopse

O documentário apresenta Celso Favaretto, mestre e doutor em filosofia, comentando sobre conceitos e transformações ocorridas no domínio da arte, do século 19 à contemporaneidade. Imagens de arte e comentários são mesclados a perguntas comuns, que a maioria das pessoas gostaria de

fazer sobre arte. O documentário tem uma forma didática e acessível, tendo sido editado a partir de trechos da palestra proferida por Celso Favaretto no espaço Itaú Cultural em julho de 1999.

Trama inventiva

Há saberes em arte que são como estrelas para aclarar o caminho de um território que se quer conhecer. Na cartografia, para pensar-sentir sobre uma obra ou artista, as ferramentas são como lentes: lente microscópica, para chegar pertinho da visualidade, dos signos e códigos da linguagem da arte, ou lente telescópica para o olhar ampliado sobre a experiência estética e estésica das práticas culturais, ou, ainda, lente com zoom que vai se abrindo na história da arte, passando pela estética e filosofia em associações com outros campos de saberes. Por assim dizer, neste documentário, tudo parece se deixar ver pela luz intermitente de um vaga-lume a brilhar no território dos **Saberes Estéticos e Culturais**.

O passeio da câmera

Com obras modernas e contemporâneas, vemos o título que nos pergunta: *Isto é arte?* Quem pode responder? Celso Favaretto, professor de filosofia. Dessa forma, o documentário vai nos colocando muitas outras questões, como: o que a gente acha que é arte? Afinal, o que é arte? Uma obra de arte é um objeto? Quer dizer que até uma porcaria pode virar arte? E como fica o público? O que esta obra tem a ensinar?

Fica evidente que a palestra de Celso Favaretto foi mais extensa do que o registro do documentário, mas o professor se aproxima de nós com seu modo singular de apontar relações e de nos inquietar. Alocado no território de **Saberes Estéticos e Culturais**, o documentário permite muitas outras conexões, visualizadas no seu mapa potencial.



Sobre o conceito de arte



Os olhos da arte

Arte é essa experiência da delicadeza, das nuances. A percepção das nuances na arte, o sentimento das nuances na arte é uma espécie de treinamento não consciente para a percepção de outras coisas na vida.

Celso Favaretto

Talvez tenha sido, justamente, a percepção de outras coisas na vida que tenha levado o ser humano a inventar a arte, para expressá-las e comunicá-las a um outro. **Como ser simbólico¹, o ser humano inventou linguagens portadoras de significações múltiplas e que são lidas também em múltiplas interpretações, sempre conectadas com os contextos de quem a produziu e de quem a lê e que se transformam na processualidade do tempo e do espaço.** Para Umberto Eco²: “a idéia de arte muda continuamente, de acordo com as épocas e com os povos, e o que para uma dada tradição cultural era arte parece desaparecer face aos novos modos de operar e de fruir”.

A arte é histórica e social, assim como o gosto, diz Favaretto. Mas, qual é nosso gosto e o nosso olhar? Estaríamos ainda aninhados numa concepção de arte do século 19?

O conceito de arte e de artista está fixado, segundo Favaretto na tradição romântica, que identifica obra como obra-prima, ou seja, uma obra sacralizada, que revela um conceito específico de beleza. Nela, estão incluídas categorias como harmonia, perfeição, acabamento e unicidade.

A visualidade da beleza parece estar vinculada, neste modo de ver da tradição clássica, a uma qualidade que evolva a narrativa e a ilusão de realidade. Victor Meirelles e Almeida Júnior, por exemplo, refletem padrões acadêmicos que retratam a realidade. O *Caipira picando fumo³*, como uma cena de costumes, ou as pinturas históricas, as paisagens e retratos são como testemunhos. Muitas vezes, essas obras são lidas como se



Rubens Gerchman - *Lindoneia – A Gioconda do subúrbio*, 1966 - Serigrafia c/ colagem, vidro e metal s/ madeira pintada, 60 x 60 cm - Coleção Gilberto Chateaubriand, MAM/RJ

fossem “fotografias” da época. Não podemos esquecer que a *Primeira missa no Brasil* foi pintada por Victor Meirelles em 1860, num momento histórico onde havia um projeto civilizatório. Teresinha Franz comenta que, naquele momento, “defendia-se a descrição da natureza e os costumes, nos quais o índio devia ser valorizado como o primeiro e o

mais autêntico habitante do Brasil”⁴.

A fotografia retirou o peso documental das artes visuais e gerou uma ruptura de sua visualidade. Seria necessário lidar com as regras da perspectiva para dar a ilusão de profundidade? Por que Favaretto diz: “Muita obra moderna é um belo horror”? Ao observar a pintura *A feira I* (1924) de Tarsila do Amaral, confirmamos o que nos faz ver Favaretto: não há perspectiva, mas planos; as cores não são realisticamente tratadas, com luz, sombras, efeitos de tons e meios-tons, mas são chapadas, vivas, contrastantes. “Tudo em proporções e distribuições absurdas em termos de nossa percepção natural, ou seja, esse quadro está exigindo de nós um outro modo de ver.” **Os olhos acostumados a ver, na pintura, a paisagem como se ela estivesse por trás de uma janela, precisam perceber que a obra moderna pouca os nossos olhos na própria pintura. Exige que sejamos produtivos no olhar e não passivos observadores.**

Talvez, a grande ruptura promovida pela arte moderna, nos princípios da Semana de Arte Moderna de 1922, já tenha sido absorvida pelos olhos de nossos alunos. Porém, a arte abstrata ainda é vista como um borrão? Algo que qualquer um pode fazer?

Ao analisar o quadro abstrato de Maria Leontina, *Pintura* (1967), Celso Favaretto nos diz que: “o máximo que isso nos remete é um lençol pendurado num varal, uma toalha, alguma coisa. Mas isso não



Nelson Leirner - *Porco empalhado*, 1996

importa. O que importa é que é um quadro que trabalha com relações de formas e cores”. A obra abstrata em suas várias concepções, como o concretismo ou neoconcretismo brasileiro, quer falar por si mesma, pelos elementos que compõem a sua visualidade, pelo vocabulário próprio da linguagem visual. Pensamentos visuais nos falam de sensações e percepções que afetam todo nosso corpo cognitivo, afetivo e perceptivo.

Na década de 1960, diz Favaretto no documentário, **“a idéia de objeto teve a força de codificar todo o conjunto de transformações que vinham acontecendo no domínio das artes desde o começo do século e abrir como perspectiva do que ocorreria depois”**. De obra para objeto: um convite para múltiplas significações, para romper com cânones e com os suportes tradicionais, que transcendem as telas da pintura ou a tridimensionalidade de esculturas.

Lindonéia – A Gioconda do subúrbio (1966), de Rubens Gerchman, traz no título uma clara apropriação da tradição da pintura, contudo inova na estética do cotidiano, na linguagem híbrida que compõe com uma notícia retirada de jornal uma serigrafia com moldura de vidro. Uma nova figuração, um neo-realismo, com um sentido social visível também nas palavras inscritas no objeto: “um amor impossível – a bela Lindonéia de 18 anos morreu instantaneamente.”

A atitude crítica, especialmente no momento de ditadura no

Brasil, traz para a arte objetos que provocam o olhar, especialmente daqueles aprisionados na tradição acadêmica. A *Caixa de baratas* (1967), de Lygia Pape, que poderia nos lembrar os quadros de borboletas azuis ou o *Porco empalhado* (1967), de Nelson Leirner, considerado o mais famoso objeto da arte brasileira, faz Favaretto nos perguntar: e como fica o público?

Frente ao “belo horror”, podemos perceber que a categoria do feio passa a ser tão importante quanto a categoria do belo. Sem valores absolutos, essas categorias vão em outra direção, na captura de um corpo leitor que precisa pensar com todo o corpo sobre a obra e o que ela faz ressoar em si mesmo. **Viver a experiência estética e estésica, e não anestésica, é o que podemos aprender e apreender da arte.**

A visualidade revela mudanças cruciais: a mudança do conceito de arte, da apresentação social da arte e da figura do artista. Ele não é mais o mago criador, mas o inteligente propositor de situações que vão chamar a interferência do ex-espectador, agora participante ou participador. Desta forma, o artista se torna o propositor de situações que convocam o corpo/olhar participativo do público.

O título do livro do crítico de arte Frederico Morais já pode nos dar pistas: *Arte é o que eu e você chamamos de arte*. Nele, podemos ler e pensar as afirmações abaixo e tentar responder, de nosso modo, o que é arte.

Devo confessar, preliminarmente, que eu não sei o que é belo e nem sei o que é arte.

Mário de Andrade (1938).

A arte não reproduz o invisível, torna visível.

Paul Klee (1925).

A obra de arte está dentro e fora de nós, ela é nosso dentro ali fora. É isto que faz dela um objeto especial – um ser novo que o homem acrescenta ao mundo material, para torná-lo mais humano. A arte não seria uma explicação do mundo, mas de assimilação de seu enigma. Se a ciência e a filosofia pretendem a explicação do mundo, esse não é o propósito da música, da poesia ou da pintura. A arte, abrindo mão das explicações, nos induz ao convívio com o mundo inexplicado, transformando sua estranheza em fascínio.

Ferreira Gullar (1993).

O passeio dos olhos do professor

Antes de planejar a utilização do documentário, convidamos você a vê-lo, anotando impressões em um diário de bordo. Uma pauta do olhar pode ajudá-lo nesse registro:

- Como o documentário dialoga com os conceitos que você tem sobre arte?
- A importância dada ao termo objeto parece clarear as questões presentes na arte moderna e contemporânea?
- Se a beleza, harmonia e perfeição são categorias do século 19, quais seriam as do século 20 e 21?
- O que a arte pode ensinar? O que você acrescentaria aos comentários de Celso Favaretto sobre isso?
- O que o seu aluno entende por arte? O que causaria estranhamento neste documentário?
- Este documentário traz contribuições para o seu pensar pedagógico? Em que aspecto?

Com as suas anotações, você pode inventar um primeiro mapa do que você considera mais importante para suas proposições pedagógicas. O que você gostaria que seus alunos compreendessem sobre as transformações estéticas e culturais operadas na arte brasileira?

Percursos com desafios estéticos

Os percursos e desafios sugeridos são caminhos possíveis que devem ser transformados e recriados por você. A escuta às sensibilidades e percepções dos alunos deve ser atenta, pois a partir dela você construirá um mapa de sentidos que pode ser aprofundado ao longo do trabalho, gerando novos encaminhamentos.

Mapa potencial ISTO É ARTE?



- qual FOCO?
- qual CONTEÚDO?
- o que PESQUISAR?

O passeio dos olhos dos alunos

Algumas possibilidades:

- Compreender o sentido da arte é um bom início de trabalho que proporcionará desdobramentos estéticos e culturais. Cada um dos alunos poderia escrever o que pensa sobre arte e escolher uma imagem que possa refletir seu pensamento. Proponha que, em duplas, os alunos discutam suas opiniões. Depois, peça que compartilhem-nas em grupos de quatro, e, posteriormente, em grupos de oito. Há diversidade de sentidos a respeito do que cada um entende por arte? Por que isso acontece? Com essa problematização, apresente o documentário, continuando a conversa depois.
- Seria interessante trazer algumas revistas e promover uma discussão sobre questões de gosto e aquilo que pensamos ser belo. Busquem imagens que reflitam o gosto de cada aluno. A conversa sobre as escolhas com o registro dos comentários sobre gosto e beleza pode preparar para verem as diferenças sobre os modos de ver. O que influencia o nosso gosto e o nosso sentido de beleza? Essa poderia ser a pergunta para o início da exibição do documentário.
- A leitura de obras, como *A feira I* de Tarsila do Amaral ou de obras que são apresentadas no documentário, pode despertar a questão das múltiplas leituras e dos modos como cada um lê e atribui significados a elas. Inicie a exibição com os comentários de Celso Favaretto sobre a obra de Tarsila, dê uma pausa em seguida para rediscuti-la com os alunos.

O documentário pode ser apreciado antes ou depois dessas proposições, de acordo com a sua metodologia. O que importa nessas ações é provocar a sensibilidade perceptiva dos alunos para questões estéticas e culturais que envolvem aquilo que entendemos por arte.

Animados pelo documentário, convide os alunos para uma reflexão geradora de outras propostas que apontem outras questões no mapa de desafios estéticos deste documentário.

Ampliando o olhar

- A visita a exposições de arte pode aguçar nossos sentidos para conceituar arte e compreender como os elementos da visualidade se transformam ao longo do tempo. A escolha da exposição e a preparação para a visita são aspectos importantes, conduzindo para uma criativa pauta do olhar. Com pranchetas, se for permitido no museu visitado, os alunos podem anotar suas impressões e seus comentários sobre o que consideram arte, sobre processos de criação artística e a figura do artista na atualidade. A conversa pode ser iniciada na própria exposição, com aprofundamentos posteriores na sala de aula. Na volta, faça uma nova exibição do documentário e proponha outras discussões sobre os enigmas da arte.
- O que a gente deve ver na arte moderna? Essa pergunta, instigada pelo documentário, é capaz de gerar uma conversa sobre as leituras que fazemos das obras modernas. No documentário, Celso Favaretto comenta *A feira I* de Tarsila do Amaral, porém diversos outros artistas modernos são provocadores de novas leituras. Tais leituras podem ser antecedidas pela produção de textos escritos. Neles, os alunos podem apontar o que chama a atenção nas obras e como são afetados pelas mesmas, fazendo os mesmos questionamentos sugeridos por Celso Favaretto: o que é isso? Como é que isso está feito? Como é possível esse artista querer fazer isso?
- A ilusão de profundidade foi fortemente buscada ou completamente esquecida em muitos momentos da história da arte, desde os períodos mais remotos. No renascimento, por exemplo, a perspectiva é, muitas vezes, dirigida para o ponto de interesse da obra, enquanto que no barroco a dramaticidade a domina, e no impressionismo é a perspectiva atmosférica que cria a profundidade. Uma proposta interessante é a procura por obras que apontem modos diversos de utilizar os elementos da visualidade através dos tempos. O mesmo pode ser realizado sobre outros elementos, como a cor, por exemplo.
- As pinturas não-figurativas como as de Maria Leontina,

Maurício Nogueira Lima, Carlos Scliar e de Amílcar de Castro sugerem relações internas de formas e cores. Há artistas que partem da realidade para abstraí-la, como a série de árvores realizadas por Mondrian no início do século 20. Todavia, tanto Mondrian como outros artistas também partem para a abstração, sem qualquer vínculo com a figuração. Quais as diferenças entre essas duas atitudes? Como os alunos poderiam vivenciá-las?

- “Muita obra moderna é um belo horror”, diz Celso Favaretto. Matérias inusitadas ganham novos sentidos nas mãos dos artistas e geram múltiplos significados. A busca de matérias não convencionais provoca criações ousadas? É importante salientar que toda a escolha vem carregada de intencionalidades estéticas.
- O documentário pode ser revisto, sem som, com o olhar atento para as várias linguagens presentes, como pinturas, gravuras, objetos, instalações, etc. Quais as linguagens de arte que não aparecem no documentário? Web art? Desenho? Performance?
- Há muitas maneiras de conceituar beleza. Você pode ler para os alunos o trecho transcrito abaixo e problematizar a questão, ou fazer isso com seus colegas professores.

O matemático Poincaré, aliás, dizia que a primeira coisa que ele verificava numa equação era a sua qualidade estética, isto é, se ela se mostrava como bela. Neste sentido, comenta Michael Polanyi: “A afirmação de uma grande teoria científica é em parte uma expressão de deleite. A teoria tem um componente inarticulado que aclama sua beleza, e isto é essencial para a crença que a teoria é verdade”⁵.

Conhecendo pela pesquisa

- No documentário, aparecem obras acadêmicas do século 19. Uma pesquisa sobre a pintura da tradição e os padrões acadêmicos daquela época pode ajudar a compreender os conceitos de beleza, harmonia, perfeição e unicidade comentados por Celso Favaretto no documentário. Um ponto de partida interessante é a Missão Artística Francesa no Brasil e os artistas-viajantes. O que podem descobrir sobre o caráter de documento da arte?

- ☉ A pesquisa sobre arte moderna poderia ser instigante para a compreensão dos acontecimentos que ocorreriam na arte após aquele momento. Por que o modernismo apresentado na Semana de Arte Moderna de 1922 não foi bem recebido? O que o público brasileiro esperava da arte naquele momento? O público europeu já tinha entrado em contato com obras modernas antes desta data? Quais eram os padrões estéticos daquela época, no Brasil e na Europa, que se chocaram com o movimento dos modernistas?
- ☉ A fotografia gerou mudanças na concepção de arte? Por quê? Essa questão é capaz de gerar boas pesquisas, inclusive sobre os aspectos que levam uma fotografia a ser considerada artística.
- ☉ Com certa frequência, a arte contemporânea causa estranhamento no público. Entretanto, o mesmo efeito é gerado por obras tão antigas como as de Bosch (1450-1516) ou Arcimboldo (1527-1593). Uma pesquisa de obras provocadoras de estranhamento pode ser um modo instigante de perceber que a arte é movida por outros valores, além da beleza. É possível, como disse Ferreira Gullar em texto já comentado, que os alunos consigam “transformar estranhamento em fascínio”. O que eles trarão para provocar os outros alunos?
- ☉ Um dos caminhos para observar a recepção estética frente às obras contemporâneas é elaborar uma pesquisa com o público. Procure em sua cidade uma galeria ou espaço que apresente trabalhos de artistas contemporâneos onde a pesquisa possa ser realizada. Caso não seja possível o acesso a espaços para a arte contemporânea, viabilize a pesquisa por meio de reproduções encontradas em sites, catálogos ou publicações. Quais os comentários das pessoas? Há diferenças nas opiniões em função da idade, do nível de estudo, da profissão, dos interesses pessoais? O que já conhecem sobre arte? Planejar um roteiro é importante para a análise dos dados. Os resultados ajudarão os alunos a compreender as mudanças significativas ocorridas com a arte na contemporaneidade.
- ☉ “Arte é histórica e social. Gosto não é eterno. O gosto é histórico”. Essa questão é mencionada por Celso Favaretto no

documentário. A partir das pesquisas anteriores, o que os alunos podem aprofundar sobre a mídia e a moda. Elas são geradoras de gostos?

- Celso Favaretto aponta a diferença entre o conceito de obra-prima e objeto. A idéia de objeto tem articulação com a obra de Marcel Duchamp e seus conhecidos *ready-made*. O que os alunos podem pesquisar sobre esse artista e sua influência?

Desvelando a poética pessoal

Cada artista desenvolve uma poética singular, contornada por seu modo de pensar arte, com preocupações mais realistas, mais expressivas, surrealistas ou com outros interesses. A criação de uma série de trabalhos, envolvendo a mesma visualidade, é um modo de oportunizar nascentes poéticas pessoais. Você pode acompanhar os alunos neste processo? Como?

Amarrações de sentidos: portfólio

Seria interessante que você mapeasse, com seu aluno, os caminhos percorridos com os saberes estéticos e culturais na arte brasileira tendo este documentário como ponto de partida. Os registros sobre o que entendemos por arte podem propiciar uma conversa sobre influências estéticas e culturais no modo como olhamos e percebemos a arte. Os percursos, as pesquisas e os trabalhos realizados podem ser organizados por registros dos diversos olhares para a arte. Por exemplo, contemplar arte como objeto de beleza e arte como objeto; produções artísticas modernas e contemporâneas. Essas ações podem ser reveladoras dos sentidos e conhecimentos aguçados por este documentário.

Valorizando a processualidade

A escolha por este documentário e as questões que problematiza podem ser o início de uma boa conversa com seus alunos em busca da percepção de alguns caminhos compartilhados por vocês. Os alunos ampliaram os sentidos para a arte contemporânea? Compreenderam a mudança no conceito de arte, na figura do ar-

tista e nos processos criativos? Perceberam a arte como uma linguagem que sofre transformações contínuas? Verificaram as influências dos padrões estéticos e culturais nas questões do gosto? Apuraram o olhar para a arte contemporânea?

As respostas a essas questões podem ser obtidas nas produções e pesquisas realizadas. Porém, um espaço especial para ouvir as considerações dos alunos sobre as proposições desenvolvidas também é importante.

Glossário

Beleza – no sentido estético, a beleza é a qualidade de certos elementos em estado de pureza, como sons e cores agradáveis, formas geométricas, formas abstratas que apresentam outras qualidades em harmonia. Fonte: NUNES, Benedito. *Introdução à filosofia da arte*. São Paulo: Ática, 1991. “Na verdade, o significado histórico do conceito de beleza é muito limitado. Teve origem na Grécia Antiga, produto de uma determinada filosofia da vida. Essa filosofia era de caráter antropomórfico, enaltecia todos os valores humanos e não via nos deuses mais que versões magnificadas do homem. A arte, assim como a religião, era para os gregos uma idealização da natureza, e especialmente do homem como ponto culminante de seus processos. Este tipo de beleza foi herdada por Roma, e o renascimento fê-lo reviver. Vivemos ainda à sombra da tradição renascentista, e para nós a noção do belo anda inevitavelmente ligada à idealização de um tipo humano concebido por um povo antigo num país longínquo, longe das condições reais de nossa vida cotidiana. Herbert Read, 1951”. Fonte: MORAIS, Frederico. *Arte é o que eu e você chamamos de arte*: 801 definições sobre arte e o sistema da arte. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 27.

Estética – o termo deriva da palavra grega *aisthesis* que significa o que é sensível ou o que se relaciona com a sensibilidade e a dimensão da beleza. Fonte: NUNES, Benedito. *Introdução à filosofia da arte*. São Paulo: Ática, 1991.

Bibliografia

- AMARAL, Aracy. *Artes plásticas na Semana de 22*. 5.ed. rev. e ampl. São Paulo: Ed. 34, 1998.
- ARCHER, Michael. *Arte contemporânea: uma história concisa*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- COLI, Jorge. *O que é arte*. São Paulo: Brasiliense, 1998. (Primeiros passos).
- FRANZ, Teresinha S. *Educação para uma compreensão crítica da arte*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2003.

- MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. *A língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte*. São Paulo: FTD, 1998.
- MORAIS, Frederico. *Arte é o que eu e você chamamos de arte: 801 definições sobre arte e o sistema da arte*. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- PAREYSON, Luigi. *Os problemas da estética*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- PILLAR, Analice Dutra (org.). *A educação do olhar no ensino das artes*. Porto Alegre: Mediação, 1999.
- ROSSI, Maria Helena Wagner. *Imagens que falam: leitura da arte na escola*. Porto Alegre: Mediação, 2003.
- SANTOS, Jair Ferreira dos. *O que é pós-moderno*. São Paulo: Brasiliense, 2000. (Primeiros passos).

Bibliografia de arte para crianças

- AMARAL, Aracy; TORAL, André. *Arte e sociedade no Brasil*. São Paulo: Instituto Callis, 2005. 3v.
- MANGE, Marilyn Diggs. *Arte brasileira para criança*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ROCHA, Ruth; ROTH, Otávio. *O livro dos gestos e dos símbolos*. São Paulo: Melhoramentos, 1992. (O homem e a comunicação).
- SANT'ANNA, Renata et al. *De dois em dois: um passeio pelas bienais*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

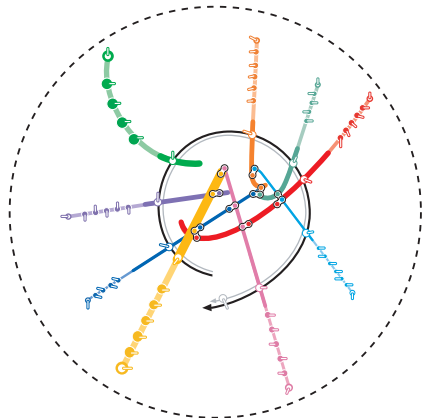
Seleção de endereços sobre arte na rede internet

Os sites abaixo foram acessados em 15 fev. 2006.

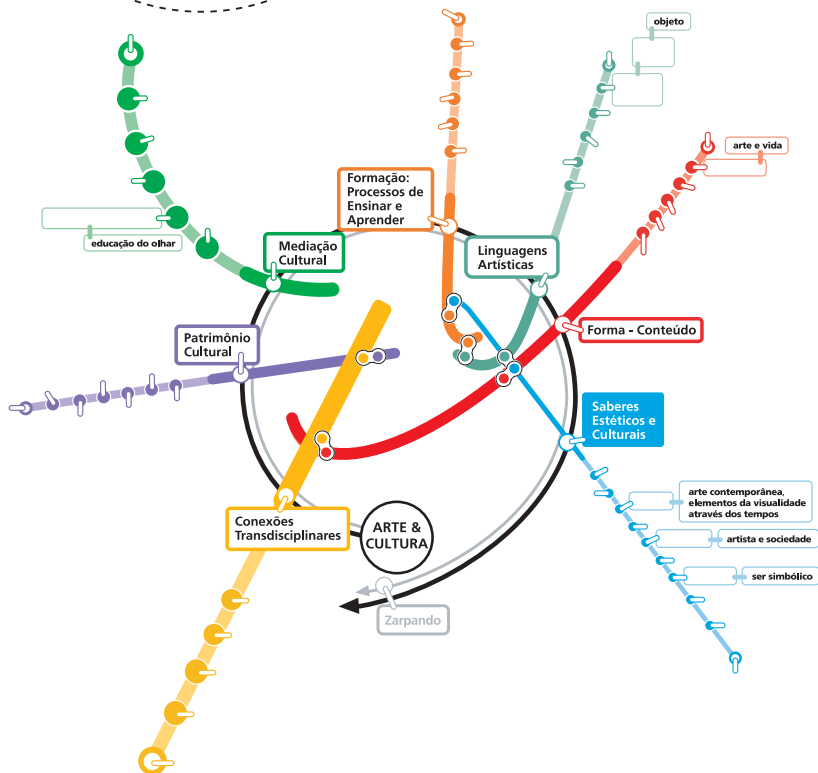
- ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL DE ARTES VISUAIS. Disponível em: <www.itaucultural.org.br>.
- FAVARETTO, Celso. Disponível em: <<http://forumpermanente.incubadora.fapesp.br/portal/.convidados/celsosfavaretto/>>.

Notas

- ¹ Leia mais sobre isto em: CASSIRER, Ernest. *Ensaio sobre o homem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ² ECO, Umberto. *A definição da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1986, p. 136.
- ³ Esta e outras obras do século 19 estão no importante acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo ou no Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, entre outras coleções espalhadas pelo Brasil.
- ⁴ Teresinha S. FRANZ, *Educação para uma compreensão crítica da arte*, p. 54.
- ⁵ DUARTE JR., João Francisco. *O que é beleza*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 12. (Primeiros passos).



Mapa potencial
ISTO É ARTE?



Patrocínio



FUNDAÇÃO
IOCHPE

Organização



www.artenaescola.org.br